



**XX REDOR**

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

## **ALQUIMIA DO BARRO: AS ARTENARRATIVAS DAS MULHERES CERAMISTAS DA COMUNIDADE DA PASSAGEM – BARRA/BA**

Leonellea Pereira

*Universidade Federal da Bahia – UFBA*

leonellea@hotmail.com

**Resumo:** Em agosto de 2016, fiz uma viagem de barco de Bom Jesus da Lapa à comunidade da Passagem, zona rural de Barra – BA. Neste povoado acolhedor e hospitaleiro, as mulheres se destacam: verdadeiras alquimistas na ancestral arte cerâmica. Cada uma delas tem me inspirado e tocado com suas memórias e histórias, seus passos firmes, mãos habilidosas, olhares afáveis, sorrisos abertos e até com seus silêncios. Esta pesquisa parte da categoria gênero como instrumento indispensável na análise das relações entre as pessoas, sem deixar de fazê-la de forma relacional com outros marcadores sociais igualmente importantes – raça/etnia, classe, idade/geração, origem/território. Escolhi o método etnográfico de pesquisa, uma vez que mergulhei no universo da comunidade para compreender o cotidiano das mulheres voltado para suas dinâmicas socioeconômicas e apreender suas subjetividades através das suas memórias sobre os papéis desempenhados por cada uma delas naquele grupo. A pesquisa de campo compõe-se de 14 entrevistas realizadas entre julho e setembro de 2017, e a metodologia utilizada para a apreciação dos dados foi a análise do conteúdo. A memória, enquanto categoria de análise, pode ser utilizada como ferramenta em diversas áreas do conhecimento; como categoria social, faz alusão às formas como os seus usos acolhem as pesquisas com viés social e cultural. Quanto à memória coletiva, ao ser abordada numa perspectiva de gênero, possui um movimento de recepção e transmissão que tece a memória do grupo e estabelece sua continuidade. Assim entreguei os meus ouvidos às memórias dessas mulheres como se fosse barro em suas mãos.

**Palavras-chave:** Memórias e Narrativas, Mulheres Ceramistas da Passagem – Barra/BA, Mulheres Ribeirinhas, Etnografia feminista.

### **Não estou aqui de passagem**

Conheci o município da Barra em 2014, onde tive a oportunidade de trabalhar por um ano e meio. Entre abril de 2014 e agosto de 2015, conheci e frequentei os ateliês de dois grupos que fazem trabalhos em cerâmica utilitária e decorativa na sede do município, tendo, inclusive, adquirido muitas peças. Não me recordo de alguém mencionar que se produzisse cerâmica em outro local na Barra além da sede.

A primeira vez que meus pés pisaram a areia branca da Passagem foi em

08/08/2016, na chegada de uma viagem de barco pelo Rio São Francisco que durou 02 dias e começou em Bom Jesus da Lapa. Nunca havia sentido o vento soprar tão forte. Da beira do rio até as primeiras casas, anda-se pouco mais de 1 km. À medida que nos afastamos da margem, atravessando os últimos trechos de terra argilosa, ladeados por uma caatinga verde e bem conservada, vamos nos deparando com uma linda duna de areia branquinha, com um aglomerado de casas construídas ao longo dela.

Para além das belezas naturais que enchem os olhos, a maior riqueza da região, sem



dúvida, é o seu povo. E na Passagem, comunidade muito especial, acolhedora e hospitaleira em sua completude, o destaque é para as mulheres: são verdadeiras alquimistas em matéria de arte cerâmica.

Quando decidi pesquisar sobre a cerâmica no Vale do São Francisco para a escrita deste trabalho, encontrei vários artigos acadêmicos que mencionam a produção de cerâmica na Barra<sup>1</sup>, mas absolutamente nada que fizesse alusão ao trabalho desenvolvido na comunidade da Passagem. As únicas referências escritas que tive acesso foram dois materiais impressos<sup>2-3</sup> disponibilizados pela ceramista Deltrudes que não estão acessíveis para download na internet. Esta invisibilidade não é acaso: é fruto da discriminação sofrida pela população da zona rural, neste caso, mulheres ribeirinhas que não têm seu trabalho artesanal valorizado nem mesmo em sua cidade, que não dispõe de nenhuma política pública efetiva de fomento ao

<sup>1</sup> COSTA, 2007; GOMES, *et al*, 2016; SOUZA, RAMOS, 2010; MENESES, *et al*, 2016.

<sup>2</sup> *Projeto Cerâmica Tradicional do Médio São Francisco: Povoado de Passagem, Barra/BA*: desenvolvido pela Central ArteSol/Programa Artesanato Solidário/Comunitas, FUNARTE e Sebrae com patrocínio da Petrobras entre 2003 e 2004.

<sup>3</sup> *Ribando potes: cerâmica de Passagem*: Publicado em 2012 pela Sala do Artista Popular do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular do Museu de Folclore Edison Carneiro, IPHAN, Ministério da Cultura em parceria com o Instituto Mauá, IPAC/BA, Centro de Culturas Populares e Identitárias, Setre/BA e Secretaria de Cultura/BA.

trabalho artesanal produzido em seu território.

Não poderia deixar escapar a oportunidade de escrever a partir das narrativas dessas mulheres com quem já aprendi tantas lições. Como categoria de análise, a memória pode ser utilizada como ferramenta em diversas áreas do conhecimento; como categoria social, faz alusão às formas como os seus usos acolhem as pesquisas com viés social e cultural. Como dito por Tedeschi (2015), é uma maneira de reconstruir-se desde o presente.

### **Esculpindo o barro teórico e metodológico**

Esta pesquisa parte da visão da categoria gênero como um instrumento indispensável na análise das relações de poder entre as pessoas, sem deixar de fazê-la de forma relacional com outros marcadores sociais igualmente importantes – raça/etnia, classe, idade/geração, origem – compreendendo que não há hierarquia entre as opressões (LORDE, 1984) e que elas estão mutuamente interligadas numa trama complexa que converte diferenças em desigualdades (BOCCHETTI, 1999). Essas dimensões atravessam as experiências de vida de maneira particular, mas também



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

coletiva, produzindo trajetórias marcadas por discriminações ou privilégios.

Escolhi o método etnográfico de pesquisa, uma vez que mergulhei no universo da comunidade da Passagem para compreender o cotidiano das mulheres voltado para suas dinâmicas socioeconômicas, apreender as subjetividades, os significados e as representações das pessoas que ali residem, reconhecendo “essas vozes que têm de ser distinguidas e jamais caladas pelo tom imperial e muitas vezes autoritário de um autor esquivo” (OLIVEIRA, 1996, p. 27). Portanto, todas as vezes em que estive no povoado, pude observar a sociabilidade das mulheres entrevistadas e como estão articuladas em torno da produção de cerâmica. Utilizei a técnica da entrevista não dirigida, que se procedeu a partir de uma instrução inicial para nortear as entrevistadas sobre o tema da pesquisa, conferindo-lhes o máximo de liberdade no que diz respeito à maneira de tratar o assunto que é seu contexto de vida e trabalho. As entrevistas foram gravadas por meio de equipamento de vídeo e foram posteriormente transcritas utilizando um programa de edição de texto.

A pesquisa de campo compõe-se de 14 entrevistas realizadas na comunidade da Passagem nos dias 21 e 22/07/17, 09 e 10/09/17. Dentre as ceramistas em

atividade, entrevistei Adilma Pereira dos Santos (*Dina*, 41 anos), Reinilda Ribeiro Xavier (*Nidinha*, 29 anos), Deltrudes Xavier dos Santos (*Dé*, 60 anos), Jovenila Xavier dos Santos (*Vani*, 52 anos), Josiene Santos Brito (*Ziene*, 34 anos), Ezilene Ribeiro de Brito (*Zilene*, 33 anos), Maura Pereira de Brito da Guerra (32 anos) e Marli Ribeiro Xavier (49 anos). Das mulheres que não fazem mais a cerâmica, foram entrevistadas Laurita Lacerda Silva (63 anos), Nair Ferreira dos Santos (69 anos), Maria da Soledade Martins Brito (*Dadinha*, 46 anos), Neusirlene Brito da Guerra (*Sirlene* 29 anos), Adélia Rodrigues Soriano (*Gôda*, 63 anos), Antônia de Brito da Guerra (*Toinha*, 30 anos). Todas nasceram na Passagem ou em comunidades vizinhas, e são casadas, com exceção de Dé que é viúva. As mulheres com idade entre 29 e 49 anos têm entre 02 e 04 filhos; e as maiores de 60 anos têm de 08 a 14 rebentos. A maioria aprendeu a fazer cerâmica com a mãe ou com mulheres mais velhas da comunidade, a exemplo das saudosas Chiquinha de Viturino (que ensinou Nair e Dé) e Joana (que ensinou Laurita). Apenas Toinha relatou ter aprendido com uma pessoa jovem, que foi sua irmã Maura, que por sua vez, foi ensinada por Gôda. As entrevistas ocorreram nas casas das ceramistas, com exceção da incansável



Marli, que foi entrevistada no galpão, sem largar a labuta: “Enquanto descansa, carrega pedra. E o suor tá caindo!” (XAVIER, 2017).

Silva ensina que “o observador encontra-se em ação. Seu trabalho não é contemplativo, é interacional. Encontra-se em ação, está situado e se desloca. Interage, na ação e como interlocutor” (SILVA, 2009, p. 186). Senti isso, por exemplo, quando fui realizar as últimas entrevistas, pois participei do momento de *desenformar* as peças que foram queimadas no dia anterior à minha chegada. Ao tempo em que conversávamos sobre trivialidades, fui tirando junto com elas os cacos de cerâmica quentes e encarvoados que cobriam os potes, panelas e moringas preparados com tanto esmero.

A metodologia utilizada para a apreciação dos dados foi a análise do conteúdo. Já que esta técnica se vale apenas de materiais escritos, os textos analisados são fruto das transcrições das entrevistas realizadas com as mulheres, além dos registros em diário de campo. Como dizem Puglisi e Franco, “o que está escrito, falado, mapeado, figurativamente desenhado e/ou simbolicamente explicitado sempre será o ponto de partida” (PUGLISI; FRANCO, 2005, p. 24) para a verificação de hipóteses e ou descobrimento do que está por trás de cada conteúdo manifesto (MINAYO, 2003).

### “O chão do meu céu é de areia!”

As primeiras referências sobre a ocupação do território onde se instalou a comunidade da Passagem são de 1820, quando a área era uma fazenda que pertencia aos irmãos Roque, Tubalda e Maria. A fazenda era conhecida até por moradores de locais bem distantes por ser uma das paragens por onde os vaqueiros faziam a travessia, a *passagem* do gado pelo Rio São Francisco. Mendonça e Lima (2012) afirmam, com base na história contada por Laurita, que foi esse o nascimento do nome Fazenda Passagem.

Isabel, filha de Maria e Faustino, era a mãe de Joaquina Pereira de Brito, conhecida como *Bidu*: é a mais antiga ceramista que se tem notícia na Passagem. Ela ensinou o ofício a uma mulher chamada Joana Barbosa, que por sua vez, partilhou os seus saberes com outras mulheres, a exemplo da sua sobrinha Laurita. Joana faleceu aos 90 anos, em 1983 (MENDONÇA, LIMA, 2012).

Na Passagem, as ruas não têm nomes nem as casas são numeradas. Dentre casas ocupadas e fechadas, conta-se 88 unidades (onde residem 66 famílias e cerca de 150 pessoas – informação fornecida por Deltrudes, que é agente comunitária de saúde). Ao subir em direção ao cruzeiro, no ponto mais alto da duna, é possível perceber que algumas casas estão sendo “engolidas”



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

pela areia. O vento é forte durante todo o ano, por isso em várias residências já há pequenos muros para conter o avanço do areal junto às construções.

Pensando o território, para além da referência familiar e comunitária, perguntei sobre a vida perto do Rio São Francisco. A resposta foi uníssona, todas falaram em orgulho, alegria e privilégio, como fez Maura, tímida e certa: “Morar na Passagem é minha vida, eu nasci e criei aqui, e num tenho vontade de morar em outro lugar a não ser aqui” (GUERRA, 2017). Mais que estar entre familiares, a convivência comunitária é fundamentada em laços de solidariedade e práticas que identifiquei como genuinamente feministas. Laurita afirma, cheia de amor, que a Passagem é um paraíso, completa dizendo que “o chão do meu céu é de areia” e explica a relação comunitária:

A convivência das mulheres daqui dentro da comunidade ela é muito boa! Isso eu posso afirmar. [...] Se uma tiver com uma necessidade grande de fazer um trabalho e que ela sozinha num pode, se uma souber e as outra viu: ‘Ói, fulana de tal tá querendo fazer trabaio e sozinha num dá’. Aí aqui se panha lenha, quem cozinha na lenha se tá na necessidade, panha lenha, bota pra outra; panha água – agora num precisa panhar porque tem água encanada – mas panhava água lá no rio, na cabeça, e dava; mulher paria e ajuntava a comunidade inteira... Talvez quando uma mulher ganhasse neném dentro do lugar era bem mais tratada de que ela sozinha, sem parir. Porque ela sozinha, era só ela que cuidava; e quando ela ganhava neném, toda mulher ia: umas ia pra caatinga, botava o feixe de lenha, outras ia pro rio panhar água pra encher os pote dela, outras panhava os pano pra ir lavar, outras já cuidava de fazer a panela, de cozinhar a panela...

essa convivência até hoje existe aqui. Aqui é um lugar... eu posso dizer pra você e afirmar: eu não sei se tem algum lugar comparado com a Passagem dentro dessa convivência não (SILVA, 2017).

Exaltar a riqueza e bênção que representa estar perto do rio foi comum em todas as falas, mas elas vão além ao demonstrar uma preocupação profunda com a situação em que o Rio São Francisco se encontra. Vani fez uma fala impactante e, entre muitas lágrimas, desabafou:

Semana passada eu estava vindo da caatinga, que eu tinha ido arrancar uma casca de angico pra fazer um melador pra tosse, pra eu mandar pros meus filhos em São Paulo, e eu quaje choro quando eu vi o rio de São Francisco todo verde e cheio de lodo, que eu nunca tinha visto na minha vida, o São Francisco morrendo desse jeito aí. Meu esposo vai passar a *casseia*<sup>4</sup> e, quando chega, é as pernas sujas de lodo do rio que está seco... Porque esse é o sonho nosso, esse é o sobreviver da nossa vida: porque sem arroz e sem feijão eu passo, mas sem o peixe eu não passo, sem peixe nós não passa, sem água nós não passa, porque água é vida, água é tudo. Água é um alimento que a gente sobrevive! Se você estiver com fome e estiver com sede e eu chegar na sua casa, eu peço mais primeiro um copo de água de quê um prato de comida. Por isso que eu digo: eu sinto muito de ver o Velho Chico assim desse jeito! (XAVIER, 2017)

É notável que a comunidade tem uma vivência de uso sustentável da caatinga e do rio. Para coletar lenha para a queima da cerâmica, por exemplo, vão à busca de árvores mortas e “paus secos” na caatinga, conseguindo realizar sua atividade de maneira a não causar desequilíbrio ambiental. O rio é limpo e é tratado com imensa reverência até nas falas da população. Souza e Ramos (2010) dizem

<sup>4</sup> Rede.



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

que o território compreende todas as relações sociedade-natureza e é onde efetivamente se dá a construção histórica da identidade do povo que nele vive, que é “o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território, portanto, é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida” (SOUZA; RAMOS, 2010, p. 07-08).

### **Já chegaram as alquimistas: as mulheres e a cerâmica da Passagem**

A tradição da modelagem da cerâmica utilitária é muito antiga no Vale do São Francisco: é uma prática milenar desempenhada no Brasil por diversos povos indígenas, sendo uma tarefa tipicamente feminina, repleta de valores simbólicos e mistérios ancestrais. E assim também é na Passagem: são somente as mãos das mulheres que desde muito antigamente transformam a argila em potes, panelas, travessas, vasos e outras peças. Uma verdadeira alquimia do barro, como falam Moraes e Pereira:

As ceramistas eram hábeis com as mãos e no domínio dos quatro elementos: terra, água, ar e fogo. Na intensa alquimia interior dessas mulheres, a arte oleira misturava-se com emoções diversas, na tradição indígena brasileira. Trata-se de uma arte complexa que implica em esculpir o barro – onde água e terra se misturam –, eliminar o ar e queimar a peça com a dose certa de calor. Um *savoir-faire* que, como dito por Godelier (196) transforma

potencialidades em recursos (MORAES; PEREIRA, 2012, p. 02).

As ceramistas do povoado faziam os potes em suas roças, à sombra das árvores e queimavam a céu aberto: cavavam um buraco, que era forrado com esterco bovino e sabugos de milho, depois colocavam os potes, cobriam com flandres, amarravam e rodeavam com lenha. Deixavam queimar pelo tempo necessário, esperavam esfriar e só no dia seguinte retiravam as peças. Este modelo foi abandonado em 2001, quando a cerâmica passou a ser feita coletivamente no galpão construído pelo projeto mencionado anteriormente e queimada nos fornos construídos na sua lateral.

São muitas as etapas percorridas para a preparação de uma peça de cerâmica. Uso aqui o pote como exemplo, por ser a peça mais comumente preparada por elas. Primeiro, é preciso encontrar o barro adequado, para que seja cavado um buraco com ajuda de enxadas e picaretas, para em seguida deixar este barro secando. Depois, é necessário também localizar casas de cupins, que são queimadas e trituradas com ajuda de um pilão, para fazer o que elas chamam de *mistura*, que dá mais consistência e menos porosidade na argila, garantindo mais resistência das peças. A mistura é peneirada, processo que também é feito com o barro, para eliminar pedaços de raízes, pedrinhas e quaisquer impurezas.



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Depois que o barro estiver seco, é hora de carregar para a Cerâmica<sup>5</sup> e colocar de molho no tanque de cimento feito para esta finalidade, deixando de um dia para o outro para o barro ficar *curtido*. Tem sido muito difícil realizar esta etapa, pois muitas vezes o barro adequado para a feitura dos potes só tem sido encontrado na margem oposta do rio. Então é preciso carregar até uma canoa para fazer a travessia até a comunidade e depois levar da beira do rio ao galpão. Quem tem jumentos, carrega nas *bruacas*<sup>6</sup> presas em cangalhas; quem não tem, leva em bacias na cabeça; ou ainda, paga a alguém que tenha carro para levar o barro da roça para o galpão.

Depois que o barro está devidamente umedecido, é o momento de misturar, *massar* a argila com o preparo feito com cupim queimado. A seguir, é hora de começar a modelagem. Para facilitar, elas pegam um pote já feito, colocam com a boca para baixo e forram o fundo com um tecido. O barro molhado é colocado em cima desse tecido e vai sendo modelado no formato desse pote, processo que elas chamam de *bater a caqueira*. O barro fica com o desenho dos dedos das mãos, então

elas passam um *cascabulho*<sup>7</sup> para deixar a superfície mais uniforme. Quando chegam ao meio do pote, ele é levado para secar ao sol, até que endureça o suficiente para ser tirado da forma.

Quando a *caqueira* já está mais firme, é hora de *ribar* o pote, ou seja, elas vão superpondo camadas de rolinhos de barro e levantando com os dedos, “costurando por dentro e por fora”, como me disse Sirlene, até chegar à altura desejada para a peça. Novamente é utilizado o sabugo de milho para tornar a aparência mais homogênea. Mais uma vez, a peça é levada ao sol para que endureça o suficiente para receber a boca. A boca é modelada com rolos de barro um pouco mais grossos que a largura do pote para que fique mais saliente, e depois alisada com um tecido. Com o auxílio de uma faca, são cortados os excessos da boca, e o pote vai, mais uma vez, secar ao sol. Após a nova secagem, é hora de *lisar* a peça. Com a ajuda de um caroço de manga, elas vão molhando e passando por todo o pote para alisar toda a sua superfície, retirando as marcas dos dedos e do sabugo de milho utilizado nos primeiros reparos. Mais uma vez, a peça precisa ser posta ao sol para secar.

Depois disso, é hora de *dar tinta*. Primeiro, com um barro chamado de *tubatinga*

---

<sup>5</sup> Cerâmica, com inicial maiúscula, é o galpão onde elas trabalham.

<sup>6</sup> Mala rústica, de couro cru, sem armação de madeira, conduzida, geralmente, nas cangalhas dos jegues. (TRIGUEIROS, 1977, p. 56)

---

<sup>7</sup> Sabugo de milho queimado.



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

*vermelha*<sup>8</sup>, pinta-se toda a superfície da peça, que depois passa por um polimento com um pedaço de tecido, que é esfregado até que ela ganhe brilho. A seguir, com o auxílio de um pincel fino, são feitos os *bordados*, desenhos de flores, gavinhas, patos, uvas, com a *tubatinga branca*.<sup>9</sup> Dadinha explica com muita propriedade o preparo da tinta e a pintura:

Essa é a tinta à base de tubatinga, que não tem aqui e a gente pega em outro lugar, que não é fácil, ela vem lá do Saquinho que é um povoado aqui perto e agora a gente tá pegando do outro lado do rio, lá no Mato Grosso, nas barrancas do rio de São Francisco, por que no barranco tem o barro branco e o barro vermelho. O barro vermelho é pra dá a tinta e o barro branco é pra fazer o bordado. Assim a gente dá o brilho no pote com aquela tinta e assim o pote vai ficando bem bonito, depois vem a tinta branca do bordado que a gente pisa, põe na água e depois ela amolece. Depois você pega um pedaço de pano e um cuador e coa a tinta, que é pra não ir com areia. A tinta tem que ficar uma lama, uma laminha bem fina (BRITO, 2017).

Depois de receber os desenhos e secar por mais um tempo é que a peça vai para o forno. Ao lado do galpão onde acontece a modelagem, há uma área coberta com dois fornos circulares com aproximadamente 1,5m de profundidade e 2m de diâmetro, contendo alguns furos por onde o calor vai entrando para *queimar* as peças. É hora de *enfornar*: primeiro são colocados os potes,

que são as maiores peças, depois vão organizando as moringas, painelas, travessas, até que todas estejam bem acondicionadas. Depois, as peças são cobertas com inúmeros cacos de cerâmica, já encarvoados por serem reutilizados, até que estejam todas bem escondidas. Para completar, ainda é utilizada uma placa flexível de zinco ou flandres para fechar a boca do forno com a ajuda de um arame, cobrindo toda a área para garantir que a temperatura ideal será mantida e que as peças serão assadas por igual.

A tarefa de acompanhar a *queima* das peças é demorada. Há uma entrada no forno, na altura do chão, para que seja colocada a lenha. É preciso manter o fogo aceso na medida adequada, controlar a fumaça, repor a lenha por todo o tempo, *dar assistência ao fogo*. Esta etapa dura de 04 a 06 horas. As peças só são retiradas do forno no dia seguinte, pois é preciso esperar que esfriem, tanto porque não como há pegá-las ainda tão quentes, como porque as peças correm o risco de quebrar. Após *desenfornar*, as peças são postas ainda em repouso para esfriarem completamente, e só depois são guardadas numa casa para aguardar o momento de levar para o rio para fazer a entrega de encomendas. Gôda descreveu o trajeto:

<sup>8</sup> Corruptela de tabatinga.

<sup>9</sup> O barro chamado de *tubatinga* pelas ceramistas da Passagem recebe nomes distintos em outras regiões: no Vale do Jequitinhonha – MG é *batinga* (MATOS, 2001), em Irará – BA é *tauá* (SANTOS, 2010), em Teresina – PI é *engobe* (MORAES; PEREIRA, 2012).



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Aí o duro agora é carregar pro rio, botar na cabeça aquele bacião cheio de pote. Porque quem tem jumento carrega no jumento e quem não tem jumento, carrega na bacia na cabeça, outros carrega no saco, e é assim, até chegar no rio ele dá um trabalho danado (SORIANO, 2017).

Durante todo o tempo em que as mulheres se encontram no galpão para realizar as etapas que antecedem o momento de levar as peças ao forno, é um grande contentamento. É um refúgio dos problemas cotidianos, pois a relação de partilha entre elas lhes traz segurança e a arte acaba funcionando também como uma terapia. Mesmo que não haja proibição expressa, pareceu-me que a ausência dos homens no galpão deve-se ao cumprimento de um código tácito, silencioso: aquele é um momento só delas. Dé conta que a Cerâmica era sua válvula de escape nos momentos em que o seu falecido marido estava embriagado:

Eu agradeço tanto a essa Cerâmica que me ajudou tanto... Pois o meu marido bebia muito e ficava indagando, aí eu dizia assim: 'Vixe Maria! Eu deixei um negócio lá na Cerâmica, vou já cuidar!' Aí eu chegava lá e ia fazer pote, ia fazer alguma coisa e assim, quando eu voltava, ele já tava bom, acabou a indaga. E assim eu vivi até o dia em que Deus levou ele (SANTOS, 2017).

Ziene, muito risonha, fala da diversão que é a reunião na Cerâmica, que sobrepõe até o cansaço físico:

É uma convivência boa, porque tirando a dificuldade é só alegria, só farra, enchendo o saco umas das outras. De primeiro a gente trabalhava mais quieto, trabalhava até mais rápido e fazia mais coisa; hoje em dia não, é um relaxo total, fica o dia lá só

farrgando. O dia que num vai, já faz falta. Assim mesmo, quando chega de noite, dizendo que tá com as perna doendo, o corpo tá doendo, mas o dia que não vai fazer, que fica a semana dentro de casa... eu já to com vontade de fazer pote, mas é bom (BRITO, 2017).

Fica muito nítida que a prática da modelagem da cerâmica na Passagem é uma tarefa exclusivamente feminina, mas a participação dos homens para que esta atividade se desenvolva é valorizada pelas mulheres e, inclusive, é destacada por algumas como condição para que ela se torne possível. A jovem Nidinha deixou isso evidente:

Meu marido, ele me ajuda em tudo. Ele corta lenha, carrega, ranca o barro, carrega o barro, coloca de molho, coisa que eu não consigo fazer, é muito pesado pra mim levar pra lá. Me ajuda a tirar, levar o pote pro rio quando vende, me ajuda em tudo. Queima, que eu nunca queimei, é só ele. Faz tudo! O mais pesado ele fica. É mais forte! (XAVIER, 2017)

Todas declaram que sem alguém que ajude nas tarefas mais árduas, é muito difícil conseguir fazer tudo sozinha, pois são muitas etapas e o trabalho é fisicamente muito pesado. Sirlene fala dessas dificuldades:

Meu marido assim, de vez em quando, pegava, cortava lenha, mas num era toda hora, assim o tempo que a gente ia queimar, ele ia pra roça, aí num tinha como. Eu que ia queimar tudo, era tirar o barro, era queimar cupim, e a gente ir nisso aí é um sacrifício, tem que ter ajuda do home, e a pessoa sozinha não tinha como fazer tudo isso. É muito pesado (GUERRA, 2017).

Como dito, Dina, Deltrude, Vani, Ziene, Zilene, Maura e Marli estão em plena



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

atividade. Nidinha se encontrava em repouso cirúrgico, ansiosa para retornar ao trabalho. Toinha explica porque parou: “Parei no ano passado, por causa que tinha muito pote e num tava vendendo, eu parei. [...] Quando Maura acha encomenda de seis dúzia, ela coloca uma minha, pra Xique-Xique” (GUERRA, 2017). Laurita, que nunca fez cerâmica no galpão com o grupo, não está mais fazendo nem em casa porque tem muitas tarefas para cumprir na roça ao lado do seu esposo, e não tem como conciliar os dois trabalhos por não ter mais a ajuda dos filhos, que moram em São Paulo. Nair e Dadinha não conseguiram continuar por problemas de saúde, principalmente dores nas pernas. Gôda fala, muito saudosa:

Tem hora que ieu fico aqui e ieu vejo as meninas ali trabalhando aculá e ieu aqui, me dá uma saudade... Chega dá vontade de chorar, é... Ieu, só não tô trabalhando lá, não é por causa de minha velhica, não. É por causa que o homem ali (aponta para o marido) é sozinho e não tem ninguém na hora de carregar para ir pra beira do rio pra vender. Meus filho foram todos embora e só ficou aqui ieu mais ele. Ainda mais que ele tem os outros serviço dele para fazer e não tem quem carrega, porque ieu não guento peso. Eu retirei a mama e aí não posso pegar peso, e aí eu parei (SORIANO, 2017).

Sirlene reclama, enfática, da desvalorização do trabalho por parte de muitos homens no povoado:

Ali é um valor pra a gente, mulher, tem home que não dá valor aquelas coisa ali... mas eles que devia tá ali, a gente faz casa aqui e compra material fora. Se tivesse home de cabeça mermo, ali fazia alvenaria e ali queimava, e ali era o que? Um meio de recurso

pra eles ganhar o dinheiro, e homem não dá valor. Porque a gente compra material fora, tendo material no próprio lugar, porque a argila a gente tira na roça, toda roça tem, podia tirar e fazer. Antes tinha, nas roça aqui, nos tempos antigo, que eu vejo os povo falando, tinha, queimava. Mas agora... homem não dá valor não, à riqueza que a gente tem, não. Porque muitas coisa aí no rio tendo, tem homem que num vai pescar. O rio tá ali pra dá a comida pra gente, né? Tem homem que não vai. Tem essa Cerâmica aí, tinha muito deles que ajudava ali, dá pra fazer telha, alvenaria, pra queimar. Ali, o de comprar lá, você comprava na mão dessa pessoa e eles num dá valor (GUERRA, 2017).

É recorrente na fala das mulheres que as tarefas que antecedem e sucedem a modelagem das peças – cavar, carregar o barro, cortar lenha, acompanhar o processo de queima e carregar os potes para o rio – são fisicamente mais penosas e por isso é reconhecida como necessária a participação masculina. Na etapa artística – preparar a peça e pintar – considerada mais leve, não há qualquer participação dos homens: é única e exclusivamente feminina. Por isso, todas destacaram a importância da participação de outros membros da família, especialmente os maridos e filhos, para que possam continuar trabalhando. Detalham que, se tiverem que pagar para que alguém cave e carregue o barro, acompanhe a queima e depois carregue as peças prontas, não conseguem lucrar com a venda da cerâmica. Então, entendendo a comercialização da cerâmica como base imprescindível para a economia da família, é necessária a colaboração constante de



todos para que a primeira valorização deste trabalho aconteça em casa.

Quando perguntei sobre as peças que são feitas e quais são as mais vendidas, fui surpreendida por esta fala de Dina:

Primeiramente o pote em primeiro lugar, que sem ele num queima peça nenhuma. **Ele é o homem da família, é o pote!** Tem o *boião*<sup>10</sup>, mas num chega nunca como o pote. Tem o jarro, mas num chega nunca como o pote. Tem a panela, mas ele passa de todos. **Porque o pote, esse é o cara!** Tem que ter ele mesmo 55% na frente, é o pote. Num tem panela, num tem moringa, num tem travessa, num tem nada, é ele mesmo. Quando você leva uma dúzia de panela pra Xique-Xique, você já levou 02, 03, 05 de pote. Sempre ele tá na frente, ele é quem tá na frente. Ó, a renda que ele dá num é pouco não (LACERDA, 2017).

Esta pesquisa traz relatos de mulheres ativas, que acreditam e se orgulham do seu trabalho, que participam de forma direta e decisiva da economia doméstica, mas ao se referirem à mais importante das suas obras, elas a definem como “o homem da família”, reproduzindo discursivamente o papel de centralidade da figura masculina na família.

Tedeschi explana:

Scott (2008) considera que a história social deve assumir a dimensão que considere a relação entre os sexos como fatores fundamentais do devir histórico, e que, por isso, as relações desiguais entre os sexos são construções desiguais entre homens e mulheres que estão presentes na produção dos mecanismos de desigualdade social. Segundo a definição de Scott, o gênero é uma construção histórica e um campo de articulação das relações e de produção de significados de poder que opera não somente na diferença sexual, mas também por meio da linguagem, nos discursos (TEDESCHI, 2015, p. 333).

<sup>10</sup> Pote muito grande.

Quando perguntadas sobre a sua vivência como mulheres, todas se referem ao território, à vida comunitária, à família e ao trabalho na agricultura e na cerâmica. Portanto, “tornar-se mulher” (BEAUVOIR, 1967), para as ceramistas da Passagem é uma experiência coletiva, pois em momento algum se referem a si mesmas enquanto indivíduos, mas às tarefas desempenhadas no seu povoado pelas quais são identificadas como mulheres.

Quando perguntei sobre um sonho, Zilene falou que, mesmo gostando de fazer potes, sua verdadeira paixão é o futebol. Joga desde muito jovem e faz parte do time feminino da Passagem, que é treinado por Jairo, esposo de Maura. O time já participou de jogos em cidades vizinhas e é motivo de muito divertimento no povoado. Zilene fala do preconceito enfrentado:

Por que hoje ainda existe o preconceito, né? Principalmente no caso de mulher, como nós, jogar futebol. Eles num entende, pensa que mulher é só na cozinha, mas não é bem assim! (risos) Mulher tem que jogar futebol, trabalhar, eu acho isso. E como eu gosto de futebol, eu teria vontade assim, de um dia, fora, de jogar, né, como a Marta, lá fora... Mas acho que isso é impossível. Jogar profissionalmente... mas eu acho isso impossível, né? Porque onde a gente vive... Então, eu acho que não é tão conhecido... fosse lá, que nem em São Paulo, eu morasse, poderia as coisa ser diferente. Que na verdade, eu gosto de ficar lá. Eu fico aqui porque meu marido num quer ir pra lá mais, então tem que continuar aqui. Eu gosto, mas ele num quis ficar lá, então a gente veio. Mas s'eu pudesse mesmo, hoje eu tava lá, tava morando lá (BRITO, 2017).

Apesar de tudo, é com os olhos brilhando que Zilene fala do seu sonho.



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

### Voltando para a beira do rio

Mais do que uma fonte de renda, a produção dos artefatos de barro reforça os sentimentos de pertença coletiva da comunidade da Passagem. Como também observado por Gomes e Kabad (2008) nos estudos sobre as mulheres Terena no Mato Grosso do Sul, enquanto uma expressão do olhar, práticas e usos femininos sobre o território, a cerâmica produzida pelas mulheres da Passagem demonstra como os papéis de gênero são construídos, desempenhados e se relacionam, ao mesmo tempo em que representam as alternativas de resistência e sobrevivência diante de todo o processo de invisibilidade e desvalorização do artesanato, além das dificuldades enfrentadas para o acesso às políticas públicas pelas comunidades ribeirinhas.

Quando vim embora, trouxe um pote para colocar água de beber em casa. Fiz um casaco de rodilha para apoiá-lo na cabeça e carreguei-o do galpão até a beira do rio, trajeto de pouco mais de 1 km. Senti um pouco do que elas precisam fazer com toda a produção de cerâmica e por isso, ele tem ainda mais valor para mim. Considerando o que pontuou Saffiotti, “uma epistemologia feminista não descarta a emoção enquanto via do conhecimento (...), mesmo porque a

emoção pode muito bem fecundar a razão” (SAFFIOTI, 1992, p. 208). Aqui, o afeto foi a *mistura* que deu consistência a toda a *argila* teórica que fez este trabalho ser *ribado*.

### REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. A experiência vivida. 2ª edição. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BOCCHETTI, Alessandra. **A diferença indecente**. Debate feminista. Cidadania e feminismo (edição especial). São Paulo: Cia Melhoramentos, 1999, p. 88-102.

BRITO, Ezilene Ribeiro de. **Entrevista concedida a Leonellea Pereira**. Imagens de J. Santos. Passagem – Barra/BA, 09 set. 2017.

BRITO, Josiene Santos. **Entrevista concedida a Leonellea Pereira**. Imagens de J. Santos. Passagem – Barra/BA, 09 set. 2017.

BRITO, Maria da Soledade Martins de. **Entrevista concedida a Leonellea Pereira**. Imagens de J. Santos. Passagem – Barra/BA, 09 set. 2017.

COSTA, Carla Cristina Coêlho da. **A Cerâmica da Barra: processos de manufatura, decoração e queima**. Revista Ohun, ano 3, n. 3, p. 1-36, set. 2007. Disponível em <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/1600>. Acesso em 07 out. 2017.

GOMES, Luciana Scanoni; KABAD, Juliana Fernandes. **A produção da cerâmica pelas mulheres Terena: interfaces entre cultura material, gênero e território tradicional**. 26ª Reunião Brasileira de Antropologia. Porto Seguro –



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Bahia, 2008. Disponível em [www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD.../luciana%20s canoni%20gomes.pdf](http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD.../luciana%20s canoni%20gomes.pdf). Acesso em 05 out.2017.

GOMES, A. S.; MARQUES, J. M.; ASSIS, R.B.; MACHADO, T.G.; MONTEIRO, F. M. **Setor ceramista na cidade de Barra – BA**: um estudo de caso. 22º CBECiMat - Congresso Brasileiro de Engenharia e Ciência dos Materiais: Natal – RN, 2016. Disponível em <http://www.cbecimat.com.br/anais/PDF/119-007.pdf>. Acesso em 07 out. 2017.

GUERRA, Antônia de Brito da. **Entrevista concedida a Leonellea Pereira**. Imagens de J. Santos. Passagem – Barra/BA, 10 set. 2017.

GUERRA, Maura Pereira Brito da. **Entrevista concedida a Leonellea Pereira**. Imagens de J. Santos. Passagem – Barra/BA, 10 set. 2017.

GUERRA, Neusirlene Brito da. **Entrevista concedida a Leonellea Pereira**. Imagens de J. Santos. Passagem – Barra/BA, 09 set. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Dados gerais do município de Barra**. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=290270>. Acesso em 07 out. 2017.

LACERDA, Adilma Pereira dos Santos. **Entrevista concedida a Leonellea Pereira**. Imagens de J. Santos. Passagem – Barra/BA, 21 jul. 2017.

LORDE, Audre. **Textos escolhidos**. Compilado por Heretica Difusão Lesbofeminista Independente. Disponível em: <https://www.dropbox.com/s/ox6msu9i4h442ke/Textos%20escolhidos%20de%20Audre%20Lorde.pdf>. Acesso em: 07 out. 2017. Originalmente publicados em:

LORDE, Audre. **Sister outsider: essays and speeches**. New York: The Crossing Press Feminist Series, 1984.

MATOS, Sônia Missagia de. **Artefatos de gênero na arte do barro: masculinidades e femininidades**. Estudos Feministas, ano 9, vol.1, 2º semestre. UFSC, 2001. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2001000100004>. Acesso em 05 out.2017.

MENDONÇA, Elizabete; LIMA, Ricardo Gomes. **Ribando potes: a arte e tradição na cerâmica de Passagem**. In **Ribando potes: cerâmica de Passagem**. Pesquisa de Elizabete Mendonça e Ricardo Gomes Lima (2003); atualização por Raquel Dias Teixeira. 2ª edição atualizada. Rio de Janeiro: IPHAN, CNFCP, 2012.

MENESES, F. P.; MARQUES, J. M.; SANTOS, S. A.; MACHADO, T.G.; MONTEIRO, F. M. **Perfil do setor ceramista da microrregião de Irecê – BA**. 22º CBECiMat - Congresso Brasileiro de Engenharia e Ciência dos Materiais: Natal – RN, 2016. Disponível em <http://www.cbecimat.com.br/anais/PDF/519-015.pdf>. Acesso em 07 out. 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 22. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

MORAES, Maria Dione Carvalho de; PEREIRA, Lucas Coelho. **Mulheres ceramistas no Poti Velho em Teresina-PI**: fazendo arte e narrando identidades de gênero. XV Encontro de Ciências Sociais do Norte e Nordeste e Pré-Alas Brasil. UFPI – Teresina – PI, 2012. Disponível em [www.sinteseeventos.com.br/ciso/anaisxvcis/resumos/GT06-11.pdf](http://www.sinteseeventos.com.br/ciso/anaisxvcis/resumos/GT06-11.pdf). Acesso em 05 out.2017.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Olhar, ouvir e escrever**. In: \_\_\_\_\_. **O trabalho**



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

**do antropólogo.** 2.ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo : Ed. UNESP, 2000. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/ra/article/viewFile/111579/109656>. Acesso em 04 out. 2017.

PUGLISI, Maria Laura; FRANCO, Barbosa. **Análise de conteúdo.** 2. ed. Brasília: 2005.

SAFFIOTI, Heleieth. **Rearticulando gênero e classe social.** In: COSTA, A. O., BRUSCHINI, C. (org.) **Uma questão de gênero,** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992, p.183-215.

SANTOS, Deltrudes Xavier dos. **Entrevista concedida a Leonellea Pereira.** Imagens de J. Santos. Passagem – Barra/BA, 22 jul. 2017.

SANTOS, Jovenila Xavier dos. **Entrevista concedida a Leonellea Pereira.** Imagens de J. Santos. Passagem – Barra/BA, 22 jul. 2017.

SANTOS, Jucélia Bispo dos. **Relações de gênero e produção de cerâmica na comunidade quilombola da Olaria, em Irará - Bahia.** Revista Latino-americana de Geografia e Gênero, v.1, n.1,p.134-147. Ponta Grossa, jan. / jul. 2010. Disponível em [www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg/article/viewFile/1036/812](http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg/article/viewFile/1036/812). Acesso em 05 out. 2017.

SANTOS, Nair Ferreira dos. **Entrevista concedida a Leonellea Pereira.** Imagens de J. Santos. Passagem – Barra/BA, 22 jul. 2017.

SILVA, Hélio R. S.. **A situação etnográfica: andar e ver.** **Horizontes Antropológicos,** Porto Alegre , v. 15, n. 32, Dez. 2009 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010>

[4-71832009000200008&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/ra/article/view/4-71832009000200008&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em 04 out. 2017.

SILVA, Laurita Lacerda. **Entrevista concedida a Leonellea Pereira.** Imagens de J. Santos. Passagem – Barra/BA, 21 jul. 2017.

SORIANO, Adélia Rodrigues. **Entrevista concedida a Leonellea Pereira.** Imagens de J. Santos. Passagem – Barra/BA, 10 set. 2017.

SOUZA, Regina Celeste de A.; RAMOS, Alba Regina Neves. **Rio São Francisco: cultura, identidade e desenvolvimento.** RDE - Revista de Desenvolvimento Econômico, Ano XII Ed. Esp. Salvador, 2010. Disponível em [www.revistas.unifacs.br/index.php/rde/article/view/1239](http://www.revistas.unifacs.br/index.php/rde/article/view/1239). Acesso em 05 out. 2017

TEDESCHI, Losandro Antônio. **Os lugares da história oral e da memória nos estudos de gênero.** OPSIS, Catalão, v. 15, n. 2, p. 330-343, 2015. Disponível em <https://www.revistas.ufg.br/Opsis/article/view/33931/20055#.WS8XH-vyuM8>. Acesso em 04 out.2017.

TRIGUEIROS, Edilberto. **A língua e o folclore na Bacia do São Francisco.** Notação musical do autor. Ilustrações de J. Paulino e do autor. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1977.

XAVIER, Marli Ribeiro. **Entrevista concedida a Leonellea Pereira.** Imagens de J. Santos. Passagem – Barra/BA, 10 set. 2017.

XAVIER, Reinilda Ribeiro. **Entrevista concedida a Leonellea Pereira.** Imagens de J. Santos. Passagem – Barra/BA, 21 jul. 2017.